

#Foramicarla – Das Redes Sociais à Câmara Municipal¹

Annapaula Freire de OLIVEIRA²

Rayanne de Azevedo CARVALHO³

Maria do Socorro Furtado VELOSO⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este livro busca reconstituir todos os acontecimentos relacionados ao “Fora Micarla”, movimento que nasceu em meio a manifestações de rua entre os meses de maio e junho do ano de 2011, e que ocupou a Câmara de Vereadores de Natal ao longo de 11 dias para cobrar dos parlamentares a fiscalização sobre os atos do Poder Executivo. O objetivo do trabalho é contribuir para a preservação desse episódio na memória histórica da cidade, ampliando a cobertura feita à época pela imprensa local a fim de levar a público um relato independente, plural, acessível e abrangente sobre o período.

PALAVRAS-CHAVE: Foramicarla; História de Natal; livro-reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Natal viveu dias atípicos entre os meses de maio e junho de 2011. A insatisfação popular com as gestões municipal e estadual, que até então raramente ultrapassava os limites do mundo virtual, ganhou as ruas e arrastou centenas de pessoas – em sua maioria jovens – para protestar contra a má gestão pública nos âmbitos estadual e municipal.

Munidos de quase nada além de frases de efeito, manifestantes tomaram as principais vias da Zona Sul da cidade em meio a um cenário de greves no funcionalismo público. Para piorar, a prefeita à época, Micarla de Sousa, amargava um índice de desaprovação que chegava aos 84 pontos percentuais, segundo pesquisa do Instituto Consult⁵.

Agendado às pressas para o dia 25 de maio, o primeiro protesto tinha como alcunha a hashtag #RioGrevedoNorte. Mas quando cerca de mil pessoas interromperam o trânsito

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Edição de Livro (avulso).

² Aluno líder do grupo, graduada em Comunicação Social – habilitação em jornalismo, turma 2011.2. Email: rayanneac@gmail.com.

³ Estudante concluinte do curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo. Email: annapaulatj@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFRN. Email: socorroveloso@uol.com.br.

⁵ A pesquisa foi realizada entre os dias 17 e 21 de março de 2011. Foram ouvidas 800 pessoas em Natal. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/pesquisa-aponta-potencial-dos-pre-candidatos-em-natal/176571>>. Acesso em: 12 set. 2011.

em um dos principais cruzamentos da cidade, a palavra de ordem berrada com euforia e à exaustão passou a ser "Fora, Micarla!".

Manifestações de menor porte contra a Prefeitura já haviam acontecido ao longo dos últimos anos, e não eram privilégio da administração Micarla de Sousa. Seu antecessor, o ex-prefeito Carlos Eduardo, também foi alvo de protestos, alguns deles organizados pelo Movimento Passe Livre⁶. Mas, até então, nenhum desses atos havia encontrado a mesma receptividade perante a opinião pública, tampouco estavam respaldados por índices tão altos de desaprovação popular.

Uma semana após o primeiro protesto, um segundo ato reuniu outras centenas de pessoas – dessa vez decididas a se fazer notar pelos veículos tradicionais, que haviam dado pouco espaço à cobertura das manifestações.

Esse período de agitação popular coincidiu com a época em que a bancada de oposição da Câmara Municipal trabalhava para instalar uma Comissão Especial de Investigação (CEI) que tinha como base as suspeitas de irregularidades em aluguéis de imóveis celebrados pela Prefeitura. Contudo, uma vez instalada a CEI, logo se deu o impasse: a vereadora Sargento Regina (PDT), único membro da bancada de oposição dentre os três integrantes da comissão, não gostou de ver a presidência e a relatoria dos trabalhos nas mãos de dois vereadores governistas. Contrariada, a pedetista se retirou publicamente da comissão e a bancada oposicionista deu início à obstrução sistemática da pauta das sessões da Câmara, com o intuito de forçar a redistribuição de funções dentro da CEI.

Paralelo a isso, uma terceira manifestação, marcada para o dia 7 de junho, marcharia até a Câmara, onde os manifestantes tentariam pressionar os vereadores pelo impeachment da prefeita. Esse episódio deu início à ocupação da Câmara, que durou onze dias e terminou por desafiar os poderes locais no âmbito do Legislativo, Executivo e Judiciário. É sobre esses eventos que se debruça nosso livro-reportagem.

Antes de prosseguirmos, vale uma ressalva: das duas autoras envolvidas na confecção deste Trabalho de Conclusão de Curso, uma delas, Rayanne Azevedo, participou ativamente dos protestos. Esteve presente nos atos de rua (à exceção da marcha rumo à Câmara), chegando a acampar duas noites na sede do Legislativo durante a ocupação. Contudo, no entender das autoras, esse fato não nos descredencia no tocante ao exercício da atividade jornalística. Conforme Czarnobai (2003), a técnica de captação participativa da

⁶ O Movimento Passe Livre tem como principal reivindicação o passe livre para estudantes de instituições públicas.

qual se valeram jornalistas como John Sack, George Plimpton e Hunter Thompson (pai da vertente conhecida como Jornalismo Gonzo), tornou-os "capazes de entenderem mais a fundo o assunto sobre o qual pretendiam escrever, além de proporcionar ao leitor uma maior proximidade com a experiência em si".

Belo (2006, p. 72) também defende que não há nada de comprometedor em o autor se envolver com o tema da reportagem, principalmente quando este será objeto de um livro. "Até mesmo porque confere ao relato uma aura de credibilidade e de 'visão por dentro' dos fenômenos e situações que se narra".

Endossando esse entendimento, Sodré e Ferrari (1986, p. 15) sustentam que "a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos".

O próprio Talese, ícone do New Journalism, mergulhou fundo na intimidade do norte-americano para falar dos costumes sexuais da época, tendo ele mesmo participado ativamente, enquanto personagem, de alguns dos eventos descritos na obra *A mulher do próximo* (2002).

2 OBJETIVO

Foi justamente a partir do envolvimento direto com os protestos que surgiu a ideia de se produzir um livro-reportagem que resultasse em um relato plural, minucioso, abrangente e contextualizado sobre esse período. Trata-se de um esforço empreendido no sentido de fazer aquilo que Medina (2000, p. 34) chama de "salvar o presente histórico da morte" e contribuir com algumas "facetas da Verdade possível", tecendo "o encontro de relações entre a rede causas e a rede de efeitos" (LIMA, 2004, p.8) e possibilitando aos leitores a compreensão do tempo em que vivem, "as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro" (LIMA, 2004, p. 20).

Neste trabalho, buscamos exercitar um dos papéis fundamentais do jornalismo: o de contribuir para o fortalecimento de uma cultura democrática através da propagação de "informação independente, confiável, precisa e compreensível, elementos importantes para que o jornalismo seja livre" (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004, p.20).

Como bem observa Vieira (2003, p. 20), "estar bem informado é estar garantido contra toda e qualquer espécie de discriminação, de abusos de poder político e econômico, de exploração do trabalho, da mulher e da infância, da mais-valia absoluta e relativa, do cerceamento à livre expressão do pensamento e da comunicação".

Voltando ao que apregoam Kovach e Rosenstiel (2004, p. 84), é importante lembrar que independência não quer dizer "desengajamento, desinteresse e distanciamento". Trata-se, pois, de um princípio que permite ao jornalista manter sua primeira lealdade com os cidadãos, aqueles a quem se destina a informação que os ajudará a compreender o mundo e, por consequência, os tornará capazes de se autogovernar.

3 JUSTIFICATIVA

Por compreendermos que as manifestações ocorridas naquele período envolveram vários interesses, defendidos através de uma gama de visões antagônicas sobre os acontecimentos, percebemos a urgência de se fazer um relato plural, sem restrições quanto ao espaço, livre da influência das forças ideológicas castradoras dos movimentos sociais - sobretudo se observada a carência de um debate adequado nas páginas dos jornais.

A diversidade de versões ainda não noticiadas e a falta de uma apuração adequada das nuances do período analisado justificam a opção por um suporte independente e que possibilite o aprofundamento da informação: o livro-reportagem. Este permite, segundo Belo (2006, p. 42),

[...] um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer. Até por sua extensão e pelo trabalho mais acurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-la. É uma forma de ter uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação que caracteriza a cobertura jornalística cotidiana.

Os deadlines, o enxugamento das redações, a sobrecarga de pautas, a cobertura superficial, o texto padronizado - todos esses elementos contribuem para que o livro-reportagem surja como suporte alternativo onde um outro jornalismo, mais próximo dos princípios da profissão, pode prosperar. "Por não ser tão imediatista quanto a cobertura midiática, o livro-reportagem normalmente abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas" (BELO, 2006, p. 42).

De acordo com Lima (2004, p. 35) existem, a princípio, dois grupos de livro-reportagem. Um é aquele que se origina de uma grande reportagem ou de uma série de reportagens publicadas na imprensa cotidiana. A outra categoria é a de livro-reportagem "originado, desde o início, de uma concepção e de um projeto elaborado para livro" (LIMA, 2004, p. 35).

Há ainda outros dois tipos de livro-reportagem, quanto ao vínculo menor ou mais estreito com a atualidade: um é o livro que "não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, ou que aborda temas não atrelados a um fato nuclear específico" (LIMA, 2004, p. 36), o outro é o "livro-flash", categoria na qual se encaixa o nosso trabalho.

Lima (2004, p. 35, 56) diz que o livro-flash é aquele que se debruça sobre um fato recém-concluído ou de "repercussão atual, para explorá-lo com maior alcance, enquanto o impacto reverbera pela sociedade, como em ondas criadas pela pedrinha lançada na superfície de um lago". Neste caso, o livro-reportagem "atém-se basicamente ao fato nuclear, mas pode inserir algo de sua amplitude, de seus desdobramentos no futuro". Por julgar que o termo livro-flash soa pejorativo, porque pode passar ao leitor a impressão de algo ágil "mas superficial, como se fosse eventualmente uma matéria trabalhada no espírito frívolo, altamente perecível, da nota" (LIMA, 2004, p.35,36), Lima propõe substituí-lo por "livro-reportagem-instantâneo" ou "livro-reportagem da história imediata".

Concordando com Medina (2000) quando a autora diz que o jornalismo cumpre um papel ontológico de salvar o presente histórico da morte, e por uma das motivações maiores deste trabalho ser justamente a intenção de impedir que os acontecimentos relacionados ao #Foramicarla e à ocupação da Câmara - algo inédito na história da cidade - caiam no esquecimento, as autoras adotaram, respaldadas por Lima (2004), a classificação de "livro-reportagem da história imediata".

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para realizar este trabalho, nos valem, como recomenda Lima (2004, p. 87), de uma extensa compilação de matérias de imprensa - algo em torno de 400 reportagens colhidas em três jornais impressos e dois online -, mais de 40 horas de entrevistas gravadas com 45 entrevistados entre manifestantes, advogados, vereadores, juízes, policiais, guardas legislativos, professores universitários e servidores públicos; além de 92 vídeos extraídos do YouTube e todo o processo que tramitou na Justiça. Some-se isso ao período em que as autoras acompanharam os protestos de perto - em alguns casos, até fazendo parte deles, como já foi dito.

Medina (2000, p. 37) afirma que "a seleção das fontes de informação terá de se enriquecer através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, qualificação humanizadora

dos entrevistados". E é justamente isso que buscamos ao ouvir uma variedade de entrevistados com graus variáveis de envolvimento e comprometimento com os acontecimentos: fugir do discurso viciado das fontes oficiais e não cair na tentação de fazer "jornalismo declaratório, aquele que se satisfaz com declarações de celebridades, políticos e empresários, pouco importa se sustentadas em fatos" (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 83).

Quanto à forma narrativa, buscamos nos aproximar das técnicas literárias, inspiradas por expoentes do Novo Jornalismo e do jornalismo literário. Como aponta Lima (2004, p. 138), a "saída para a renovação estilística do jornalismo, para sua renovação como força capaz de comunicar e permanecer (...) transita pela aproximação às formas narrativas das artes". Eis a solução que, se não for capaz de eliminar todas as possibilidades de o leitor se cansar e abandonar o livro antes do fim, ao menos diminuem os riscos de que isso aconteça.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro-reportagem “#Foramicarla: das redes sociais à Câmara Municipal” foi produzido entre agosto de 2011 e fevereiro de 2012. Possui 172 páginas diagramadas com o InDesign e impressas em papel A4 em uma gráfica rápida. O livro é dividido em 11 capítulos mais o epílogo.

O eixo temporal principal do trabalho compreende o período de 25 de maio de 2011 (quando ocorreu a primeira manifestação de rua) a 17 de junho do mesmo ano (quando foi encerrada a ocupação da Câmara pelos estudantes), com eventuais recuos no tempo. Um pequeno epílogo foi escrito para atualizar os acontecimentos até o momento em que o livro foi enviado para a gráfica.

O processo de produção do livro envolveu a leitura prévia de diversas referências para a elaboração do pré-projeto, a realização de 45 entrevistas presenciais e a coleta e análise de material jornalístico e vídeos amadores do YouTube referentes ao #Foramicarla. Encerrada essa etapa, confeccionou-se o relatório técnico. O livro foi redigido entre os meses de dezembro/2011 e fevereiro/2012.

6 CONSIDERAÇÕES

O processo de concepção e execução de um livro-reportagem se revelou ainda mais melindroso e trabalhoso do que imaginávamos. Os prazos foram apertados.

Ao longo do árduo processo de coleta de dados, enfrentamos resistência por parte de fontes oficiais, como o presidente da Câmara Municipal, vereador Edivan Martins (PV), e de um dos desembargadores envolvidos no caso, o senhor Dilermando Mota. O primeiro se esquivou das autoras durante todo o segundo semestre de 2011, evitando dar entrevista ao mesmo tempo em que jamais se recusou oficialmente a fazê-lo. Já a segunda fonte preferiu não falar sobre o caso, indicando outro colega, também desembargador e envolvido no caso.

Por terem interesses bem delineados, não raro fontes oficiais "sonégam informações de que efetivamente dispõem (...), destacam aspectos da realidade que convêm às instituições (...), alegam dificuldades inexistentes para desestimular quem procura informar-se" (LAGE, 2005, p. 64). Reação semelhante enfrentamos por parte da TV Câmara, que não só dificultou o processo de obtenção de imagens realizadas pela emissora, como também, em alguns casos específicos, foi incapaz de fornecer as imagens de uma sessão ordinária em especial e de outros episódios relacionados à ocupação da Câmara.

Tal comportamento, não obstante ser uma afronta hedionda ao direito à informação, no que tange ao acesso amplo e irrestrito à informação de interesse público, corrobora a tese de que "uma fonte de informação que não identifica seu compromisso social de delegar informações à comunidade, certamente imporá barreiras psicossociais. Ou seja, um democrata age democraticamente liberando o diálogo. Um autoritário age autoritariamente sonégando o diálogo" (MEDINA, 2000, p. 30).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CZARNOBAI, André. **Gonzo - O filho bastardo do New Journalism**. (Monografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003. Disponível em: <<http://qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista** - o diálogo possível. 4a edição, São Paulo: Ática, 2000.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. **A mulher do próximo**: uma crônica da permissividade americana antes da era da Aids. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VIEIRA, Roberto. Os meios de comunicação de massa e a cidadania. In PERUZZO, Cicilia (org). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003.